

MOBILE LEARNING E AÇÃO DOCENTE: O CELULAR EM SALA DE AULA

Mara Rúbia Sampaio Oliveira-Universidade Estadual do Ceará (Sate – EaD)
marusampaio@gmail.com

Grupo Temático 6. Educação e Tecnologias: formação e atuação de educadores/profissionais.

Subgrupo 6.4. Uso de Tecnologias, processos formativos coletivos e aprendizagens institucionais.

Resumo:

A tecnologia móvel não dispõe apenas do celular como recurso interativo, mas este pode ser considerado o mais acessível, diante dos resultados de pesquisas de mercado atuais. O objetivo dessa produção é relatar e refletir o debate de professores participantes de um grupo de discussão na rede social profissional LinkedIn, sobre os usos do celular em sala de aula. Sob análise qualitativa de cento e sessenta postagens em dezessete dias do debate lançado por um professor participante do grupo. 'Como os senhores estão convivendo com alunos e celulares em sala de aula?'. Os resultados não estão prontos, pois o debate sugere que os professores precisam de formação para mediar a tecnologia em sala de aula e utilizá-la a favor da Educação, na construção colaborativa de direções da ação didática para a boa mediação pedagógica da Móbile Learning.

Palavras-chave: Aprendizagem. Formação. Mobilidade. Mediação Pedagógica.

Abstract:

Mobile technology offers not only the cell as an interactive resource, but this can be considered the most accessible, before the results of current research market. The goal of this production is to report and reflect the discussion of teacher participants a discussion group in professional social network LinkedIn, on the uses of mobile in the classroom. Under qualitative analysis of one hundred and sixty posts in seventeenth day the debate launched by a participating teacher group. 'As you are living with students and cell phones in the classroom?' The results are not ready, because the debate suggests that teachers need training to mediate technology in the classroom and use it in favor of education, the collaborative construction directions of action for good didactic pedagogical mediation of Mobile Learning.

Keywords: Learning. Training. Mobility. Pedagogical Mediation.

1. Introdução: Tecnologia móvel, aliada ou vilã da Educação?

A partir do debate tecido num grupo de discussão do LinkedIn, com a devida autorização do fundador do grupo e do mediador do debate, Professor Carlos Alberto da Silva (Centro Universitário Geraldo Di Biase), preservando-se a identidade dos debatedores, propõe-se uma reflexão sobre os desafios no uso do celular em sala de aula, e a construção colaborativa de melhores práticas para mediação pedagógica desta ferramenta. Em dezessete dias de debate no Grupo Docentes em Instituições de Ensino Superior que produziu cento e sessenta posts há uma pequena amostra do posicionamento dos professores participantes deste debate resultado em muitas dúvidas, algumas práticas e experiências compartilhadas, pedidos de ajuda, necessidade de formação complementar e

continuada, necessidade de apoio institucional; necessidade de acompanhamento, orientação, parceria com as escolas e educação por parte das famílias, necessidade de ordem, normas e políticas que direcionem a ação docente neste sentido, amparo da Lei; sugestões e propostas de mediação pedagógica em sala de aula.

Um evento direcionado a esta temática é a *Mobile Learning Week (MLW)*, promovida pela *United Nations Educational Scientific and Cultural Organizations (Unesco)*, lembrou ao mundo o cenário da usabilidade da Tecnologia Móvel, dos desafios deste uso para aumentar o acesso à Educação de Qualidade para Todos através de propostas pedagógicas unidas às ferramentas agregadas a este recurso. “Empoderar professores por meio da tecnologia” foi o tema da terceira edição, em 2014. As últimas edições abordam três objetivos particulares da EPT (Educação para Todos), relacionados com a aprendizagem móvel:

Melhorar os níveis de alfabetização de jovens e adultos: como as tecnologias móveis podem apoiar o desenvolvimento da alfabetização e aumentar as oportunidades de leitura;

Melhorar a qualidade da educação: como as tecnologias móveis podem apoiar os professores e seu desenvolvimento profissional;

Alcançar a paridade e a igualdade de gênero na educação: como as tecnologias móveis podem apoiar a igualdade de acesso e realização na educação básica de boa qualidade para todos, em especial para as mulheres e meninas.

Em 2013, a segunda edição da *Mobile Learning Week* gerou o Guia de Políticas Públicas para a Mobile Learning da Unesco, disponível *online* para download, o qual objetiva indicar boas práticas governamentais que ajudem no desenvolvimento e qualificação de estudantes e educadores na utilização dos recursos da tecnologia à educação.

1.1. Celular é tendência do século XXI

2

Somando-se o crescimento de 37% comparado a 2012, fechando o primeiro trimestre de 2013 com 96,5 milhões de acessos via banda larga em dispositivos fixos e móveis, segundo informações da Associação Brasileira de Telecomunicações (26-04-2013), a atual ‘febre’ de ‘*smart technologies*’ abrange todas as faixas, classes e interesses no mundo. Da competição por mercado entre as grandes empresas e *startups* à busca de inovação e formação para uso dos recursos de tecnologia, os empreendedores veem na Educação, um valioso nicho de mercado, prova disso é o crescimento no percentual de investimentos e a parceria que jovens empresários têm firmado com todas as instâncias do governo, em projetos de avaliação e criação de aplicativos. Em abril de 2013 entra em vigor no Brasil uma medida que reduz os impostos sobre a venda de *smartphones*, com expectativa de queda de 30% no preço ao consumidor final, e concede isenção na compra destes aparelhos nas tecnologias 3 e 4G. De acordo com pesquisa da consultoria *Accenture*, ‘[...] no geral, os *smartphones* lideram com 41% de intenção de compra’ (set 2012). A aprendizagem móvel foi citada no Relatório de Tendências do NMC (*The New Media Consortium*), *Horizont Report*, (2013), como uma das tendências educacionais do século XXI, para o ‘futuro da educação’:

A aprendizagem móvel está se tornando uma parte integral da educação fundamental e média, pois é cada vez mais comum alunos terem e usarem

dispositivos portáteis. Com interfaces de toque, fáceis de usar, até crianças mais jovens podem facilmente pegar um *tablet* ou um *smartphone* e interagir com ele quase imediatamente. Dispositivos móveis são portas para a aprendizagem, colaboração e produtividade. continuam estimulados pela Internet. Recentemente, escolas estão implementando estratégias individuais e BYOD (Bring Your Own Device) para aproveitar as tecnologias móveis que são mais acessíveis e difundidas a cada ano que se passa. Um dos aspectos de crescimento mais rápido de aparelhos móveis são os aplicativos para celular, e o ritmo ainda não diminuiu. Dezenas de empresas de educação e sites estão criando programas de apoio, plataformas e currículo escolar para dispositivos móveis. Além disso, o desenvolvimento de aplicativos e programas está sendo ensinado para alunos do Ensino Fundamental ao médio em escolas e programas fora da escola. (2013, p.4)

O *M-Learning* engloba outros dispositivos móveis, além dos celulares, mas aqui os *smartphones* serão o foco de discussão. Segundo a Wikipedia,

M-Learning é uma das modalidades da Educação a Distância. Acontece quando a interação entre os participantes se dá através de dispositivos móveis, tais como celulares, i-pods, laptops, rádio, tv, telefone, fax, entre outros. Está gerando uma grande expectativa no sistema educacional, já estão se realizando iniciativas em ambientes empresariais e de pesquisa em centros acadêmicos.

O Dicionário de Tecnologia e Inovação do Sebrae (2010, p. 51), define essa denominação dentro do conceito de GSM: 'criada na Europa, é a tecnologia celular digital mais difundida no planeta. Do inglês *Global System for Mobile Communication*, concorre com os padrões CDMA e TDMA. O CDMA (p. 23-4) 'Tecnologia celular digital de segunda geração, criada no início dos anos 90, do inglês Acesso Múltiplo por Divisão de Códigos, (*Code Division Multiple Access*); e TDMA, *Time Division Multiple Access*, primeira tecnologia de celulares digitais criada no final dos anos 80, significa acesso múltiplo por divisão de tempo (p. 99). Dados da pesquisa *TIC Kids Online* (2012), realizada pelo Comitê de Internet no Brasil (Cetic. BR), objetiva 'medir o uso e hábitos da população brasileira usuária de internet, de 9 a 16 anos em relação às tecnologias de informação e comunicação', focando as oportunidades e riscos no uso da internet. A utilização de *smartphones* por crianças e jovens, ficou em segundo lugar na categoria 'Tipos de equipamentos usados pelas crianças/adolescentes para acessar a internet', 21% dos jovens entrevistados utiliza o celular para navegar na internet (percentual sobre o total de usuários de internet de 9 e 16 anos). Aqui vale ressaltar a questão da permissão, da faixa etária adequada, da segurança e acompanhamento da família, etc. estes aspectos pedem e merecem outros momentos de investigação, reflexão e considerações complementares.

Trinta e oito por cento (38%) dos entrevistados de outra pesquisa, *Jovem Mobile BR*, 'revela os hábitos de jovens no *Mobile*', há um desafio para as empresas que correm em busca de inovação para atender aos seus clientes, "[...] as plataformas não possuem usabilidade adequada para celular. Vinte e cinco por cento (25%) dos jovens disseram que a falta de segurança ainda incomoda na hora da compra." (2013). Este também pode ser considerado um desafio para os produtores de aplicativos e demais programas para *smartphones*.

2. Suporte pedagógico regulamentado

O artigo oitenta (80) da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional do Brasil (LDB vigente, Lei 9.394/96), regulamentado pelo Decreto 5.622/05, define a Educação a Distância e trata sobre o incentivo e veiculação de programas de ensino a distância em ‘todos os níveis e modalidades’, portanto extensivo também ao Ensino Fundamental, prática que em se tratando de EaD e novas tecnologias de informação e comunicação, ainda engatinha no Brasil; assim como de educação continuada, e embora existam projetos de integração das tecnologias à educação com o apoio do Ministério da Educação, como o Proinfo Integrado, o investimento na compra de *Tablets* para o Ensino Médio, o celular geralmente já está ali, nas mãos do usuário e não é usado de forma pedagógica. Porque? Será que o custo dos investimentos em outros equipamentos poderia ser reduzido se este fosse visto como recurso educativo? Segundo Carneiro (2012, p. 532),

A LDB caminha, portanto, na direção de reforçar a relevância social dos sistemas de educação a distância. Não se trata de substituir o sistema “presencial”, pelo contrário, trata-se de oferecer alternativas de reforço aos processos de aprendizagem presencial. Na educação a distância, o ensino parte do princípio de que a autoaprendizagem é possível, desde que o aluno conte com materiais de instrução de adequada qualidade educativa.

O *M-learning* é uma destas alternativas. Atualmente a mídia dissemina, como resultado de entrevistas à Academia e também de pesquisas científicas diversas disponíveis em Rede, uma série de matérias sobre as competências para o século XXI, já também abordadas pelo sociólogo suíço Phillippe Perrenoud, em suas obras. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio mencionam competências e habilidades a serem desenvolvidas em Informática (2000, p.63): representação e comunicação, investigação e compreensão, contextualização sócio-cultural, e tratam a ‘Informática na Educação ‘integrada a cultura social’ (2000, p.58), e um ‘Conjunto de rumos e desafios’ (p.64), que sugere “A opção por um trabalho dentro da área procura considerar as interseções que as linguagens estabelecem por sua natureza de articulação de significados culturais, sociais e função comunicativa, tendo a informática, dentre as ‘disciplinas potenciais’, para esse *link* entre as áreas de conhecimento, num caráter transdisciplinar. O uso intenso do celular, dos *smartphones*, dos *tablets*, transformou a forma como as pessoas se comunicam hoje. As redes sociais fazem menções diversas sobre essas mudanças, através de imagens, de micromensagens, microvídeos via apps (aplicativos). Essa sugestão pode ser ampliada pelo leitor, fica o convite.

O Professor tem um papel fundamental dentro dessa proposta. Ele é quem toma a iniciativa de escolhas e, analisando as necessidades dos alunos que tem, pode planejar o desenvolvimento, aprofundamento e inter-relação dos conhecimentos anteriormente obtidos. (p.65)

A análise dos saberes, das necessidades dos alunos e do entorno social, fornece os dados básicos para a intervenção pedagógica, a organização curricular, a escolha da metodologia, do material didático e das formas de avaliação. (p.65)

[...] o professor deixa de ser uma ilha ao interagir com os colegas, em busca de um projeto coletivo.

É preciso considerar que o uso de recursos móveis tem permitido a inclusão de alunos e profissionais, através da Tecnologia Assistiva, aqui novamente vale citar o uso de aplicativos que promovem a acessibilidade para surdos, nossas salas de aula são heterogêneas, a inclusão é parte do nosso trabalho e da vida das pessoas, administrar estas relações é mais um desafio para os educadores que podem valer-se de recursos que os amparem na tarefa diária de gerir pessoas, projetos e gerar resultados benéficos para todos. Sua utilização somada aos recursos didáticos da Educação formal são o diferencial de flexibilidade ao usuário, pois permite o acesso, não apenas conectado *online*, mas através de arquivos de leitura *offline*: *ebooks* (já adotados por várias instituições como opção de material didático letivo), arquivos em pdf, ou via *Cloud Computing (Computação em Nuvem)*, e que podem ser acessados para leitura em qualquer lugar, à vontade e acesso do usuário, conforme disponibilidade, condições e autonomia deste. São mais opções que otimizam tempo, recursos, trabalho. Recursos que permitem ao usuário, quando *online* através do hábito de navegar, o acesso a complementação de informações, seja dos textos lidos, seja de conteúdos abordados, seja através de videoaulas, de aplicativos (apps), do acesso à rede de contatos (*networking*), redes sociais e seus grupos de discussão temáticos, facilitando o acesso à informação em tempo real (informação que precisa vir de fontes confiáveis (papel de orientação que cabe também à instituição através do trabalho de seus profissionais).

O novo Plano Nacional de Educação em sua meta quatro (4), trata do uso pedagógico das tecnologias e suas ferramentas de interação, acessibilidade e comunicação como diferencial de apoio ao trabalho docente

[...] manter e ampliar programas suplementares que promovam a acessibilidade nas escolas públicas para garantir o acesso e a permanência na escola dos alunos com deficiência por meio da adequação arquitetônica, da oferta de transporte acessível, da disponibilização de material didático próprio e de recursos de **tecnologia assistiva**;

fomentar pesquisas voltadas para o desenvolvimento de metodologias, materiais didáticos, equipamentos e recursos de tecnologia assistiva, com vistas à promoção do ensino e da aprendizagem, bem como das condições de acessibilidade dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (PNE 2011-2020 - Meta 4)

2.1. Os professores e seus relatos.

Professores, além de informação, interesse, curiosidade em adaptarem-se ao uso das tecnologias que os jovens 'dominam', precisam de formação (inicial e continuada). Os alunos dominam em termos de uso prático, talvez não, do uso pedagógico, como afirmam Behrens, Masetto e Moran, (2013, p.30; p.73; p. 146) integrar os meios de comunicação na escola, as diversas mídias disponíveis num papel nosso de mediação pedagógica, colaborativa, em parceria, dialogada, (E-moderação, segundo Masetto *apud* Lina Morgado), como sociedade: gestores, escola, professores família, que entendem a Educação além do currículo fixo e que hoje, principalmente, ultrapassa os muros da escola. Nem tudo porém, depende apenas

do professor... Parte destes desafios e angústias do professorado brasileiro trouxe considerações sobre o uso 'e o abuso' dos celulares em sala de aula, relatadas no grupo aberto, Docentes em Instituições do Ensino Superior, no LinkedIn. Considerada, segundo informações e dados disponíveis na internet, a maior rede social profissional ou rede de relacionamentos de negócios do mundo com cento e trinta e cinco milhões de membros em duzentos países e territórios, o LinkedIn trabalha muito bem com grupos de discussão de diversas áreas e interesses criados e moderados por seus usuários. Disponível em dez idiomas foi criada em 2002 por um grupo de empreendedores da Califórnia a rede teve maior aceitação e acessos no Brasil desde 2010 quando atualizada com o nosso idioma. É gerida, desde 2008, pelo *Chief Executive Officer*, o executivo Jeff Weiner, de acordo com informações dessa rede. Os professores também estão lá. O referido Grupo possui na ocasião desta produção, dezoito mil, duzentos e vinte e dois integrantes (18.222 integrantes), com níveis de atuação profissional variando da Educação Básica ao Ensino Superior; profissionais de empresas, instituições públicas e privadas. Num período de 17 dias, do mês de março de 2014, um dos professores-membro do grupo lançou a questão: "Como os senhores estão convivendo com alunos e celulares em sala de aula?" O debate rendeu trinta páginas, com cento e sessenta postagens (160 posts). Consideremos os pontos de dificuldades e sugestões mais comuns, de acordo com o discurso dos participantes.



Figura 1: Perfil do grupo Docentes em Instituições de Ensino Superior, na Rede Social Profissional LinkedIn, quando da análise desta produção.

Fonte: LinkedIn, página *online* do grupo Docentes em Instituições de Ensino Superior.

O que faz os alunos usarem, e as vezes abusarem principalmente de celulares em sala de aula? Ansiedade? Curiosidade? Carencias de interação e Comunicação? São aulas desinteressantes? Falta de outro direcionamento e orientação de usos para este recurso? A distração que antes tinha como alvo as conversas paralelas, agora é amparada pelos aplicativos e acessos a redes sociais. "Alguns tentam usar ao seu favor, outros consideram errado, quem está certo?" Questiona um dos professores do grupo.

O acesso ‘democrático’, os planos de banda larga ‘acessíveis’, a permissão da família, facilitam a utilização em larga escala podendo provocar uma série de comportamentos. Vício, cola, plágio, falta de maturidade na utilização, falta de foco, dispersão de ideias, perda de tempo, *bullying*, assédio moral compartilhado em rede; comunicação virtual é truncada que favoreça vícios de linguagem, na escrita e na comunicação oral, relações sociais superficiais, denúncias públicas em rede, com publicação de imagens não autorizadas das instituições e seus profissionais, são algumas das práticas de comunicação que ocorrem em todas as instâncias sociais. Entretanto, o benefícios também existem e podem gerar bons hábitos, boas práticas, bons comportamentos de colaboração, curiosidade, de exploração de conteúdos e notícias, interesse pelas mídias, pela tecnologia como suporte e apoio aos estudos, a rede integrada aos dispositivos e a mediação didática são um recurso valioso em parceria com a aprendizagem.

Como demonstra o referido debate-base deste discurso, os professores ainda sentem-se incomodados com o uso dos celulares em sala de aula, principalmente em se tratando de alunos adultos, seja da EJA, do Ensino Médio ou Superior, visto que o perfil desse aluno é diferenciado, dele espera-se uma consciência madura da responsabilidade por seus atos. O foco nos estudos têm objetivos comumente relacionados à atuação profissional e afins. Para ‘proibir’ a utilização, professores e gestores amparam-se na Lei que veda o uso de celulares nas escolas públicas de todo o País, (Lei Nº 2.246-A, 2007), excedendo-se os casos de emergências pessoais e em virtude de negociações prévias com a sua turma/Instituição. Outros, proíbem, consideram um abuso, desrespeito, falta de educação ao professor, ‘gestor de sala e autoridade máxima presente neste espaço’, ignoram que os alunos usem, afinal ‘a questão é maior e o celular é apenas um detalhe’. Em se tratando da Educação Básica, como manifestaram no grupo citado, os professores recolhem os aparelhos e guardam até o final da aula. Em contrapartida, os profissionais sentem-se também responsáveis pelos alunos em avaliações, principalmente quando não atentos às aulas, passam a cobrar revisões de resultados. Os educadores consideram que um grande volume de informações não colabora para a construção do conhecimento, a mediação pedagógica portanto, é um diferencial de valor agregado, pois muitos recursos e informações disponíveis em rede podem ser descartadas, não gerando utilização pedagógica.

Um professor membro do grupo de que trata esta produção, mediou muito bem a discussão, sempre atento ao grupo e aos *posts* dos participantes, respondendo e compartilhando experiências, dentro de sua própria dificuldade como docente lançou a pergunta inicial que abriu o debate: “ Como os senhores estão convivendo com alunos e celulares em sala de aula?” Vejamos algumas falas do debate no grupo Docentes em Instituições de Ensino Superior, do LinkedIn.

“[...] prefiro utilizar o celular como uma ferramenta de aprendizagem. Portanto, consinto que os educandos filmem minhas explicações, fotografem as resoluções de exercícios e acessem os meus sites aonde disponibilizo o conteúdo de maneira personalizada, durante minha aula. O celular agrega uma gama de tecnologias que podem dinamizar, flexibilizar e tornar atraente o dia a dia na sala de aula.”

“Penso que as novas tecnologias (celulares, *tablets*, etc.) são um fato. Diante de fatos pouco de pode fazer a não ser conviver com a transformação. A nossa sociedade está passando por uma profunda transformação (de comportamentos, de atitudes) e não seria lógico pensar que a sala de aula ficasse de fora desse processo. Talvez a saída seja fazer acordos com os alunos sobre quando e como usar esses equipamentos. Do ponto de vista do ensino de Física dá para usá-los como sensores de medidas de tempo, de campo magnético e outros mais e

fazer com eles pequenos experimentos. Dá também para usar em aulas de Óptica, propondo a construção da câmara escura e comparando a com nitidez das fotografias dos modernos celulares, tudo isso permitiria discutir a História da Ciência”.

“Sou professor na Area da Saude. Por isto não impeço meus alunos de usar seus celulares. Na verdade este não é um tópico discutido. Faz parte da cultura institucional usá-lo apenas em casos excepcionais tais como emergências médicas ou similares. Nestes casos o aluno pede licença e se retira de sala para falar ao celular, retornando após quando possível. Minhas aulas são fortemente dialogadas e este dialogo é sintetizado no quadro. Desta forma, ao final da aula, fotografá-lo é uma forma prática de registrar os eventos da aula. E neste sentido os celulares são úteis.”

“A tecnologia pode se transformar em um elemento facilitador do ensino. Tenho colegas que "implicam" com celulares abrindo guerra contra eles (alunos). Eu creio que podemos fazer uso deste instrumento, até porque impedir é impossível. Como sou adepto do PBL como metodologia de ensino, pelo contrário, estimo a utilização de celulares e *notebooks* como ferramenta de pesquisa dentro da sala de aula e isto traz um grande estímulo ao aluno de forma a desviá-lo de redes sociais durante o período da aula. Assim trazemos a tecnologia ao nosso favor”.

“[...] Eu não proíbo o uso em sala, mas evito ao máximo as aulas exclusivamente expositivas e procuro mantê-los ocupados na construção conjunta da aula, e até peço que utilizem os celulares na busca de dados, quando necessário. Novos tempos, novos alunos.”

“Eu acho que nós já fomos vencidos pelo celular na sala de aula, um professor amigo meu contou-me o seguinte, ele estava observado um aluno que estava atento ao "Ipod", aproximou-se sorrateiro para flagrar o aluno, mas quando chegou em cima, o aluno respondeu: " Veja aqui professor, exite site trata exatamente do tema da sua aula". Desconcertado meu amigo aproveitou e ligou o cabo do data-show no *Ipod* do aluno e aproveitou o material. Disse-me o professor o site estava muito mais interessante do que minha exposição. [...]Bom... eu acho que precisamos aproveitar toda esta fonte de informação que está WEB e inserir em nossas aulas expositivas, da mesma forma que antigamente nos encaminharíamos nossos alunos à biblioteca. E as universidades precisam liberar a internet e não censurá-la”.

“[...] O uso indiscriminado dos equipamentos de TI em sala de aula, já me incomodaram muito, além do normal. Posso afirmar que não há como vencê-los, pois, os celulares, principalmente, tornaram-se extensões do corpo. Cansada de durante as aulas pedir para que desligassem os aparelhos, quando não necessários àquele momento da explicação, resolvi ignorar e passei a trabalhar minhas explicações com maior profundidade, buscando raciocínios mais complexos, do que estava usando até aquele momento, ciente de que só conseguiram resolver os cases que estivesse participando comigo, ou seja, construindo as habilidades "do pensar". No início não houve muito resultado, os alunos interessados eram sempre os mesmos, os comprometidos continuava na média máxima de 30% da classe. Na primeira prova, após o início do método, os alunos que não participaram das aulas construindo raciocínio não conseguiram realizar a prova, ficaram bravos, falaram com a direção que eu havia dado case sem a explicação, suporte. Para a reunião com a direção, pedi a permissão de levar alguns alunos que tinham resolvido o case e estavam com notas acima da média, feitos os devidos esclarecimentos, voltei à sala. De volta à sala comuniquei

que o novo membro do seus corpos não pensava, ainda e, por isso eles não tinham conseguido realizar a prova. A fama correu corredores da faculdade e, hoje, não tenho 100% da sala, mas já estou com índice de, aproximadamente, 75%. São 50 minutos de aula e para cada uma deles não os deixo sem pensar, os neurônios têm de estar a mil para acompanhar todo processo de Educação. Sei que novos desafios virão mas, nós professores precisamos vencê-los”.

“[...] eu leciono matemática e anos atrás, quando os alunos iniciaram a utilizar o orkut, solicitei que enviassem os relatórios de observação de aulas de geometria por depoimentos, pois se tratava de uma sala não alfabetizada, mas utilizando esta ferramenta. Embora as escolas proibam, não concordo, pois o melhor é orientar o seu uso, atualmente tenho alunos de 6º ano, ou seja, com 10 anos, que me disseram que praticamente todos tem facebook. Então o melhor a fazer é utilizar de uma forma correta, como veículo de aprendizagem, ou seja, tirar proveito disso para ensinar. Costumo utilizar com eles o celular como calculadora, faço acordos com eles que acabam sempre funcionando. Acho que eles ficam mais interessados em ouvir o que tenho a dizer, ficam atentos.”

'Imagine seu aluno chegando para fazer prova. Ele tem um celular, um *glass*, uma pulseira e um relógio com acesso a Internet. E agora, o que fazer?'

“Educação é processo, não vamos conseguir mudar nada somente mandando guardar ou desligar a ferramenta em sala.”

“Para os que concordam com o uso dos celulares, qual seria a metodologia a ser aplicada. Passar pesquisas via google no aparelhos, instalar um aplicativo voltado para a área? O que os colegas sugerem para tirar proveito do seu uso? No caso de escola de ensino médio em uma sala com 40 alunos, você libera o uso do celular estritamente para pesquisa, porém desses 40, apenas 10 usam apenas para isso, afinal, qual o problema de responder uma simples mensagem no WHATSAPP, meu amigo(a), namorado(a), mãe, pai ou o próprio colega do lado está mandando uma mensagem para mim no face. "NÃO CUSTA NADA RESPONDER RAPIDINHO, EU TO FAZENDO A PESQUISA"....

“Uma das coisas que precisamos criar é uma sociedade de leitores e eu acho que o celular e tablet não poderão ajudar muito quando o interessante seria LER LIVROS em papel. A leitura em meio digital deveria ser um meio e não um fim. O celular e toda essa parafernália digital DEVE ser um meio e não um fim.”

“Particularmente é um tormento, pois trabalho no ensino médio e com turmas com 45 alunos no estado....parece que tudo contribui para um declínio na educação. Administrar a compulsão que eles apresentam pelo celular é uma tarefa desgastante. O celular ainda prevalece no centro das atenções. Se o aluno continua utilizando em sala de aula tenho autorização de recolher, um desgaste horrível. A educação e a absorção de regras por adolescentes parece ser algo distante na convivência em sala de aula”.

“[...]A escola pública não é "menos qualificada" que a escola particular devido à formação de seus professores, esse pensamento é ideológico. Esse é só um lado de um complexo problema, que se explica estruturalmente. Discutir qualquer problema pela "periferia", ou pelas suas bordas, induz ao pensamento equivocado, ao senso comum. O problema do senso comum é tornar-se verdade absoluta e fechar-se ao debate, daí então, concretiza-se o autoritarismo socialmente praticado entre grupos ("Quem não usa um *tablet* é professor

arcaico, ultrapassado..." entre outras colocações que ouço, vez em quando...). Desde quando foi possível usar notebooks, tablets, vídeos-cassete, DVD, lousa digital entre outros equipamentos, uso e usei a todos. Percebi que se o professor não tiver "conteúdo" esses equipamentos esvaziam-se em si. Educação é puramente uma interação humana. Nada substitui outro humano, tratando-se de educação".

"Estamos vivendo uma ditadura da tecnologia. Nós tentando utilizá-lo como ferramenta de aprendizagem e os alunos usando e abusando para ampliar seus relacionamentos e diversão. Os alunos não utilizam o celular como ferramenta de conhecimento e sim de entretenimento."

"[...]Se juntar a tecnologia com um pouco de motivação e uma pitada de disciplina acho que ficaria perfeito".

E você **leitor**, qual é a sua prática nesse contexto? Como poderia colaborar?

3. O que é possível concluir

O discurso dos professores participantes do Grupo de Docentes em Instituições de Ensino Superior, no LinkedIn, nos permite um estado de reflexão da práxis, da utilidade e sustentabilidade dos recursos e ferramentas da tecnologia, que pode ser educativa, se assim for mediada pedagogicamente pelos profissionais da educação e acompanhada pelas famílias dos alunos. Escola não trabalha (não deve trabalhar) sozinha. O debate apenas começou.

A Semana da Aprendizagem Móvel, promovida pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), como aqui referenciada, criou seu Guia de Orientação e Políticas Públicas, e nele exemplifica algumas práticas bem sucedidas que podem ser tomadas como modelo; além de fóruns, simpósios, oficinas, monitoramento de pesquisas que o evento promove em suas edições ano a ano, sobre tópicos relacionados a Tecnologia Móvel na Educação, que permite ultrapassarmos as fronteiras das salas de aula tradicionais, quando temos acesso a todas as informações disponíveis em Rede, em tempo real, ou mesmo *offline*. Além de proporcionar a discussão de temas sobre formação e desafios docentes para o bom uso da tecnologia, integrando-a às práticas educacionais, seja através de projetos, do laboratório de usos das mídias de áudio, vídeo, programação, grupos de estudo e discussões utilizando as redes sociais diversas (que podem se fazer educativas, se assim os mediadores o desejarem e virem nelas este potencial), e o uso as redes educacionais que são diferenciadas. O acesso, sabemos, deve ser democratizado, inclusivo. O que temos aprendido conectados com o mundo através da internet? Aprendizados como o desafio atual de administrar a privacidade *online*, de utilizar a internet com segurança, esclarecendo, de acordo com o perfil do alunado, como prevenir-se de assédios durante as interações diversas (não mediadas), como evitar o *bullying*, como ensinar o respeito, a sustentabilidade de recursos, os valores humanos, a ética na comunicação; acompanhar os desafios, a evolução da nossa sociedade, seja participando de eventos virtuais, seja estudando a cultura do mundo, unida, integrada ao currículo, de forma inter-trans-multidisciplinar, são alguns poucos exemplos de ações que pedem a colaboração, a parceria

1
0

da escola, da família, da sociedade, e também do aluno, este protagonista, sentido de todo o investimento e trabalho escolar.

Os professores também peça-chave no centro da educação que utiliza tecnologia; ela, uma ferramenta de poder e apoio ao educador. Como prepará-lo? A legislação existe, o recursos se bem geridos, planejados e aplicados geram bons frutos, o professor motivado e engajado, que enxerga um sentido em tudo isso, também. O que mais?

Jovens empreendedores através do mercado de *Startups*, estão dinamizando organizações para o uso e administração de aplicativos úteis às necessidades sempre emergentes dos cidadãos do mundo. Quais poderíamos utilizar com os nossos alunos? A Didática entra em cena, com a sua função de seleção de conteúdos mediada pelo educador. As instituições trabalham direcionadas por suas gestões que, em regime de colaboração (escola-família-sociedade), devem construir seu Projeto Político Pedagógico e considerar os avanços da Educação no mundo e as necessidades da comunidade da qual fazem parte, promovendo debates desse tema nos encontros e reuniões de planejamento, trocas de experiências, práticas, e executando o que for necessário e possível.

Espera-se que a partir da II Conferência Nacional de Educação (Conae 2014) e da implantação do novo Plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020), os documentos oficiais, como Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais possam enfim, ser atualizados e acompanhem a evolução, não apenas em termos de inovação e nem de modismos, mas de necessidades educativas para todos os atores envolvidos no desafio permanente de educar pessoas para o exercício pleno de uma Cidadania sobretudo mais feliz.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. **Praticar Ciência: metodologias do Conhecimento científico**. São Paulo. Saraiva, 2013.

GABRIEL, Marta. **educ@r, a (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013. P.215.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21ed. Campinas, SP: Papyrus. 2013. (Coleção Papyrus Educação).

PERRENOUD, Phillipe & Thurler, MG. **As competências para ensinar no século XXI: A formação dos professores e o desafio da avaliação**. Artmed, 2002

2ª Conferência Nacional de Educação. CONAE 2014. Documento Base Disponível em <<http://conae2014.mec.gov.br/index.php/component/content/article/2-uncategorised/279-documento-base>> Acesso em março de 2014.

ANTONIO, José Carlos. **Uso pedagógico do telefone móvel (Celular), Professor Digital**, SBO, 13 jan. 2010. Disponível em < <http://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>> Acesso em março de 2014.

BRASIL, MATTOS, Pompeu de. PROJETO DE LEI N.º 2.246-A, DE 2007. Disponível em <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=517286&filena me=Avulso+-PL+2246/2007> Acesso em março de 2014.

BRASIL, MEC, 2000. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, parte II, Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf> Acesso em março de 2014.

BRASIL, MEC: Plano Nacional de Educação 2011-2020, Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=16478&Itemid=1107> Acesso em março de 2014.

Dicionário de Tecnologia e Inovação do Sebrae. Disponível em <<http://www.sebrae.com.br/uf/ceara/tecnologia/bonus-certificacao/Dicionario%20Tecnologia%20e%20Inovacao.pdf>> Acesso em março de 2014.

EBC Smartphones. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/tags/smartphones>> Acesso em março de 2014.

Horizon Report 2013, Disponível em <<http://www.nmc.org/pdf/2013-horizon-report-k12-PT.pdf>> Acesso em março de 2014.

Jovem Mobile BR. Disponível em <<http://pt.slideshare.net/Elife2009/jovens-brasileiros-e-o-mundo-mobile>> ; <<http://pt.slideshare.net/Elife2009/jovem-mobilebr>> Acesso em março de 2014.

SILVA, Carlos Alberto. LinkedIn. Docentes em Instituições de Ensino Superior. **‘Como os senhores estão convivendo com alunos e celulares em sala de aula?’** Março, 2014. Disponível em <<http://www.linkedin.com/groups/Docentes-Institui%C3%A7%C3%B5es-Ensino-Superior-3046666>> Acesso em março de 2014.

Mobile Learning. Wikipedia. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/M-Learning>> Acesso em março de 2014.

Pesquisa Accenture
<<http://convergenciadigital.uol.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=32916&sid=17#UxN3lIdUpo>> Acesso em março de 2014.

Proinfo Integrado
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13156:proinfo-integrado&catid=271:seed> Acesso em março de 2014.

TIC *Kids Online* 2012, Disponível em
<<http://cetic.br/usuarios/kidsonline/2012/index.htm>> Acesso em março de 2014.

Unesco *Mobile Learning Week*. Disponível em
<<http://www.unesco.org/new/en/unesco/themes/icts/m4ed/unesco-mobile-learning-week/>> Acesso em março de 2014.